

### **Cantares de sem nome e de partida**

**Hilda Hilst**

Enviado por:

Publicado em : 22/07/2007 13:50:00

Ó tirânico Amor, ó caso vário  
Que obrigas um querer que sempre seja  
De si contínuo e áspero adversário...  
Luiz Vaz de Camões

Cubram-lhe o rosto, meus olhos ofuscaram-se;  
ela morreu jovem.

John Webster

I

Que este amor não me cegue nem me siga.  
E de mim mesma nunca se aperceba.  
Que me exclua do estar sendo perseguida  
E do tormento  
De só por ele me saber estar sendo.  
Que o olhar não se perca nas tulipas  
Pois formas tão perfeitas de beleza  
Vêm do fulgor das trevas.  
E o meu Senhor habita o rutilante escuro  
De um suposto de heras em alto muro.

Que este amor me faça descontente  
E farta de fadigas. E de fragilidades tantas  
Eu me faça pequena. E diminuta e tenra  
Como só soem ser aranhas e formigas.

Que este amor só me veja de partida.

II

E só me veja

No não merecimento das conquistas.  
De pé. Nas plataformas, nas escadas  
Ou através de umas janelas baças:

Uma mulher no trem: perfil desabitado de carícias  
E só me veja no não merecimento e interdita:  
Papéis, valises, tomos, sobretudos

Eu-alguém travestida de luto. (E um olhar  
de púrpura e desgosto, vendo através de mim  
navios e dorsos).

Dorsos de luz de águas mais profundas. Peixes.  
Mas sobre mim, intensas, ilhargas juvenis  
Machucadas de gozo.

E que jamais perceba o rocio da chama:  
Este molhado fulgor sobre o meu rosto.

### III

Isso de mim que anseia despedida  
(Para perpetuar o que está sendo)  
Não tem nome de amor. Nem é celeste  
Ou terreno. Isso de mim é marulhoso  
E tenro. Dançarino também. Isso de mim  
É novo: Como que come o que nada contém.  
A impossível oquidão de um ovo.  
Como se um tigre  
Reversivo,  
Veemente de seu avesso  
Cantasse mansamente.

Não tem nome de amor. Nem se parece a mim.  
Como pode ser isso? Ser tenro, marulhoso  
Dançarino e novo, ter nome de ninguém  
E preferir ausência e desconforto  
Para guardar no eterno o coração do outro.

### IV

E por que, também não doloso e penitente?  
Dolo pode ser punhal. E astúcia, logro.  
E isso sem nome, o despedir-se sempre  
Tem muito de sedução, armadilhas, minúcias  
Isso sem nome fere e faz feridas.  
Penitente e algoz:  
Como se só na morte abraçasses a vida.

É pomposo e pungente. Com ares de santidade  
Odores de cortesã, pode ser carmelita  
ou Catarina, ser menina ou malsã.

Penitente e doloso  
Pode ser o sumo de um instante.  
Pode ser tu-outro pretendido, teu adeus, tua sorte.  
Fêmea-rapaz, ISSO sem nome pode ser um todo  
Que só se ajusta ao Nunca. Ao Nunca Mais.

## V

O Nunca Mais não é verdade.  
Há ilusões e assomos, há repentes  
De perpetuar a Duração.  
O Nunca Mais é só meia-verdade:  
Como se visses a ave entre a folhagem  
E ao mesmo tempo não.  
(E antevisses  
Contentamento e morte na paisagem).

O Nunca Mais é de planície e fendas.  
É de abismos e arroios.  
É de perpetuidade no que pensas efêmero  
E breve e pequenino  
No que sentes eterno.

Nem é corvo ou poema o Nunca Mais.

## VI

Tem nome veemente. O Nunca mais tem fome.  
De formosura, desgosto, ri  
E chora. Um tigre passeia o Nunca Mais  
Sobre as paredes do gozo. Um tigre te persegue.  
E perseguido és novo, devastado e outro.  
Pensas comicidade no que é breve: paixão?  
Há de se diluir. Molhaduras, lençóis  
E de fartar-se,  
O nojo. Mas não. Atado à tua própria envoltura  
Manchado de quimeras, passeias teu costado.

O Nunca Mais é a fera.

## VII

Rios de rumor: meu peito te dizendo adeus.  
Aldeia é o que sou. Aldeã de conceitos  
Porque me fiz tanto de ressentimentos  
Que o melhor é partir. E te mandar escritos.  
Rios de rumor no peito: que te viram subir  
A colina de alfafas, sem éguas e sem cabras  
Mas com a mulher, aquela,  
Que sempre diante dela me soube tão pequena.  
Sabenças? Esqueci-as. Livros? Perdi-os.  
Perdi-me tanto em ti  
Que quando estou contigo não sou vista  
E quando estás comigo vêm aquela.

## VIII

Aquela que não te pertence por mais queira  
(Porque ser pertencente  
É entregar a alma a uma Cara, a de áspide  
Escura e clara, negra e transparente), Ai!  
Saber-se pertencente é ter mais nada.  
É ter tudo também.  
É como ter o rio, aquele que deságua  
Nas infinitas águas de um sem-fim de ninguéns.  
Aquela que não te pertence não tem corpo.  
Porque corpo é um conceito suposto de matéria  
E finito. E aquela é luz. E etérea.

Pertencente é não ter rosto. É ser amante  
De um Outro que nem nome tem. Não é Deus nem Satã.  
Não tem ilharga ou osso. Fende sem ofender.  
É vida e ferida ao mesmo tempo, "Esse"  
Que bem me sabe inteira pertencida.

## IX

Ilharga, osso, algumas vezes é tudo o que se tem.  
Pensas de carne a ilha, e majestoso o osso.  
E pensas maravilha quando pensas anca  
Quando pensas virilha pensas gozo.  
Mas tudo mais falece quando pensas tardança  
E te despedes.  
E quando pensas breve  
Teu balbucio trêmulo, teu texto-desengano

Que te espia, e espia o pouco tempo te rondando a ilha.  
E quando pensas VIDA QUE ESMORECE. E retomas  
Luta, ascese, e as mós vão triturando  
Tua esmaltada garganta... Mesmo assim mesmo  
Canta! Ainda que se desfaçam ilhargas, trilhas...  
Canta o começo e o fim. Como se fosse verdade  
A esperança.

X

Como se fosse verdade encantações, poemas  
Como se Aquele ouvisse arrebatado  
Teus cantares de louca, as cantigas da pena.  
Como se a cada noite de ti se despedisse  
Com colibris na boca.  
E candeias e frutos, como se fosses amante  
E estivesses de luto, e Ele, o Pai  
Te fizesse por isso adormecer...  
(Como se se apiedasse porque humana  
És apenas poeira,  
E Ele o grande Tecelão da tua morte: a teia).

Como se fosse vã te amar e por isso perfeito.  
Amar o perecível, o nada, o pó, é sempre despedir-se.  
E não é Ele, o Fazedor, o Artífice, o Cego  
O Seguidor disso sem nome? ISSO...

O amor e sua fome.

\*\*\*\*\*